

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
MONIQUE RUTLER - “ISTO VAI MUDAR!”
23 de setembro de 2024

FREGUESIAS DE LISBOA: S. MAMEDE – DAS AMOREIRAS AO PARQUE MAYER / 1991

Um filme de MONIQUE RUTLER

Filme assinado coletivamente como «Um Filme de»: Monique Rutler, Leonel Efe, Emília Pinto, Pedro Efe, C. Carvalho, Miguel Soromenho, António Borges, Miguel Efe / *Agradecimentos e colaborações:* Junta de Freguesia de S. Mamede, Faculdade de Ciências, Imprensa Nacional, Teatro da Cornucópia, Agave, Associação Escolar de S. Mamede, Casa da Comida, Café Concerto (Procópio), Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

Empresas produtoras: Acetato Filmes para Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro Cultura / *Cópia:* Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca, digital (transferido de vídeo), cor, falada em português / *Duração:* 29 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

O CARRO DA ESTRELA / 1989

Um filme de MONIQUE RUTLER

Realização: Monique Rutler / *Direção de fotografia:* Vasco Riobom / *Iluminação:* Amadeu Lomar / *Direção de som:* Vasco Pedroso / *Montagem:* Monique Rutler / *Colaboração especial:* António de Macedo / *Entrevistas:* António Lopes Ribeiro (produtor e realizador), Ramiro Machado Valadão (antigo presidente do Conselho de Administração da RTP), Augusto Fraga (realizador), Josefina Silva (atriz), Galveia Rodrigues (produtor), Francisco Igrejas Caeiro (ator), José de Matos-Cruz (investigador/historiador), Luís de Pina (à época diretor da Cinemateca Portuguesa), Barroso Lopes (ator), Maria Manuel Lalande Lopes Ribeiro (sobrinha de António Lopes Ribeiro), Carmen Dolores (atriz), António Quadros (escritor) / *Agradecimentos:* Fernando Filipe, Luís de Pina, Maria Manuel Lalande Lopes Ribeiro, Manoel de Oliveira, Odete de Almeida Dias, Cinemateca Portuguesa (colaboração), Círculo Eça de Queiroz (colaboração).

Produção: Cinequanon para a RTP / *Cópia:* RTP Arquivos, digital (a partir de 16mm), cor, falada em português / *Duração:* 59 minutos / *Emitido pela primeira vez na televisão:* 13 de junho de 1990 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

Das Amoreiras ao Parque Mayer é uma encomenda e, como tal, tem todas as marcas do filme institucional. E, ainda assim, é um filme que demonstra, se quisermos tresver a patine informativa, o olhar autoral de Monique Rutler. Feito a convite da Câmara Municipal de Lisboa no âmbito da série “Freguesias de Lisboa”, onde se convidou um realizador diferente para retratar cada uma das freguesias da capital, Monique ficou com aquele que foi – durante décadas – o seu bairro, o triângulo Príncipe Real, Bairro Alto, Rato. Esse é o cenário de vários dos seus filmes, em particular **Velhos são os Trapos** e **Jogo de Mão**. À semelhança daquilo que havia feito na ficção, o olhar de Monique Rutler preocupa-se, acima de tudo, com os processos de transformação da cidade – na altura ainda ninguém usava a palavra “gentrificação”. Uma cidade que foi perdendo a sua dimensão popular (as tascas de **Velhos** são já uma raridade em **Das Amoreiras** e uma inexistência nesta segunda década do século XXI) e que foi sofrendo processos de uniformização arquitetónica e cultural (pode uma acontecer sem a outra?) que a descaracterizaram. A juntar a isso, há no olhar de Monique – apesar de todas as condicionantes da encomenda – uma preocupação com o ensino e a pedagogia (tema que atravessa a sua filmografia) e uma posição intermedial entre cinema e teatro (que sempre marcou o seu trabalho), particularidades que advém do próprio lugar – o que só ajuda a sublinhar como sítio, figura e ponto de vista se fundem no cinema de Monique Rutler.

Em relação ao segundo filme da sessão, no acervo de Monique Rutler encontra-se um documento preparatório de **Carro da Estrela** (cujo título de trabalho era, simplesmente, “António Lopes Ribeiro”). Nele pode ler-se, “independentemente da montagem final pela qual se optará, todo o filme deverá ter como suporte, ou coluna vertebral, a entrevista que lhe for feita”. De facto, o filme organiza-se em torno do discurso que o realizador tem sobre o seu próprio percurso, sobre a sua visão do mundo e do cinema – expondo-a sem rodeios. Aí inclui-se um conjunto de comentários algo reacionários, nomeadamente sobre o estatuto colonial de Macau ou sobre a ação da censura durante a ditadura do Estado Novo – desvalorizando-a. Esses comentários dão bem a ver a convivência de algumas figuras essenciais do regime ditatorial já em contexto democrático. Em particular, é evidente o modo algo cândido como Lopes Ribeiro explica o sistema de circulação de poderes altamente incestuoso e provinciano, em que o realizador, crítico e produtor era, também, presidente do Sindicato dos

Trabalhadores do Cinema e, logo depois, líder da União dos Grémios dos Espetáculos – tudo com a conviência das figuras maiores do Governo. A postura algo infantil de Lopes Ribeiro, mais de um quarto de século depois do 25 de Abril, é profundamente desarmante e revela o grau de impunidade com que a pequena e a grande corrupção eram entendidas com a maior das naturalidades no Estado Novo.

No referido documento, Monique Rutler acrescenta, “as perguntas de base podem trazer outras no decorrer da entrevista. Terá que se tentar não dispersar muito nem permitir ao entrevistado grande elucubrações que são prejudiciais para a clareza do filme. Além de entrevistar o ALR no seu local de trabalho (legendagem e tradução de filmes) tentar que ele aceite ser entrevista em sua casa, ou no Círculo Eça de Queiroz, durante os seus trajetos quotidianos, ou outro sítio que ele próprios sugira.” Na montagem final de **Carro da Estrela**, o discurso do realizador é parco e objetivo e Monique Rutler conseguiu filmar o “realizador oficioso do regime” nos três momentos que havia imaginado: trabalho, lazer, quotidiano. Da lista de perguntas elaborada por Monique Rutler, encontram-se tópicos sobre a posição política de Lopes Ribeiro (“É considerado o cineasta oficial do regime salazarista...”) e também sobre a sua vida pessoal (escrito à mão, Monique acrescentou um tópico “História das duas casas – Lisboa/Porto”, em referência à conhecida situação amorosa do realizador que mantinha duas famílias, uma oficial e outra oficiosa). Nada disso acabou por integrar a montagem de **Carro da Estrela**, talvez porque Monique Rutler não se tenha sentido confortável em questionar o realizador sobre esses temas, ou porque questionado, as respostas foram evasivas e a sua inclusão na montagem final era pouco esclarecedora – até porque, embora esse fosse o plano original, a realizadora optou por não incluir qualquer narração, produzindo os diferentes sentidos a partir da montagem da entrevista de Lopes Ribeiro, em diálogo com os testemunhos de vários dos seus colaboradores. Além disso, o propósito de **Carro da Estrela** estava longe de ser a organização de um julgamento moral sobre o papel de Lopes Ribeiro na propaganda do Estado Novo, era, sim, o de fazer um retrato de uma figura incontornável – para o bem e para o mal – da cultura portuguesa do século XX.

Nesse sentido, a abertura do filme de Monique Rutler é bastante elucidativa: um *vox populi* onde a realizadora demonstra – por A + B – que o nome de António Lopes Ribeiro é desconhecido para a grande maioria das pessoas. Apesar da sua importância, a quase totalidade dos entrevistados desconhece a sua real atividade – reconhecendo apenas a sonoridade do nome. Esta estratégia é típica do cinema de Monique Rutler que, de forma sistemática, sempre cruzou entrevistas de rua com outras possibilidades narrativas. A começar com alguns dos programas por si elaborados para a série **Ver e Pensar** (1974-76), passando por **Velhos São os Trapos** (1980) e terminando na série **Viagem Através do Homem** (1982) e no programa especial **Assoa o Nariz e... Porta-te Bem!** (1981). Esta “voz do povo” serve – logo de partida – como uma espécie de “chamada de realidade”, onde as questões sobre o património cinematográfico, o trabalho teatral, a programação cultural na televisão, o universo editorial e o trabalho de tradução são completamente alheios às preocupações do cidadão comum.

Independentemente de tudo isso, talvez aquilo que mais interesse em **Carro da Estrela**, no contexto da obra de Monique Rutler é o processo de identificação da realizadora com o sujeito do seu documentário (o que demonstra a flexibilidade do seu posicionamento antidogmático que caracteriza todo o seu cinema – e que só foi possível por Monique Rutler assumir sempre uma postura de “estrangeira”). Essa identificação produz-se a partir de dois elementos: 1) a já referida relação geográfica com a cidade de Lisboa e o modo como se produz uma pequena cartografia dos locais da vida de António Lopes Ribeiro, lugares esses que são também, em grande parte, os de Monique Rutler; 2) o facto de que, à semelhança de Monique, Lopes Ribeiro manteve-se financeiramente não como cineasta – coisa rara em Portugal! – mas como tradutor, tanto de romances como de legendas de cinema. Daí que, no programa n.º 13 da série **Cinemazine**, em que Fernando Matos Silva e Pedro Borges descobrem a realizadora à moviola finalizando a montagem de **Carro da Estrela**, seja ela que afirma ter-se deixado surpreender pela personagem de Lopes Ribeiro, sobre a qual tinha uma série de preconceitos que o convívio acabou por diluir. **Carro da Estrela**, longe de uma hagiografia (típica deste tipo de documentários televisivos), não procura essa diluição, mas deixa espaço para que o espectador produza uma reflexão crítica sobre a figura complexa de António Lopes Ribeiro.